

## **História oral e produção de documentos e de conhecimento em história da ciência**

**Andrea Paula dos Santos Oliveira Kamensky**

### **Resumo**

O presente artigo aborda as relações entre história, oralidade e ciência por meio da exposição dos procedimentos da história oral no que diz respeito à produção de conhecimento em história da ciência, sobretudo quanto à construção de novas fontes históricas para a compreensão dos processos de especialização e institucionalização de áreas científicas no Brasil. Tratamos dessa temática considerando a história oral como recurso indispensável para a gravação de registros orais e/ou audiovisuais, contendo as histórias de vida de cientistas que contribuíram para a institucionalização da química no Brasil, bem como de várias áreas de conhecimento interdisciplinares que se consolidaram a partir dela. Por meio das entrevistas concedidas por cientistas da área química, pretende-se avaliar, do ponto de vista de sujeitos atuantes na comunidade científica brasileira, como se dá a construção do conhecimento, das especializações, de novas áreas de pesquisa e de saber e das instituições.

### **Palavras-chave**

História da ciência; História oral; Conhecimento; Interdisciplinaridade; Documentos

### **Oral history and production of documents and knowledge in history of science**

### **Abstract**

The present paper approaches the relationships among history, orality and science by discussing the procedures proper to oral history relating to the production of knowledge in history of science, particularly as concerns the construction of new historical sources for the understanding of the processes of specialization and institutionalization of science in Brazil. I approach this subject by considering oral history an indispensable resource in the taping of oral and/or audiovisual records containing the life stories of scientists who contributed to the institutionalization of chemistry in Brazil, as well as several interdisciplinary fields of knowledge that consolidated based on chemistry. Based on interviews with chemists I intend to assess, from the perspective of individuals active in the Brazilian scientific community, how the construction of knowledge, specialties, new research fields and institutions occurs.

### **Keywords**

History of science; Oral history; Knowledge; Interdisciplinarity; Documents

### História oral, história da ciência e produção de conhecimento

A história oral, como campo de estudos, pesquisas e produção do conhecimento inter/transdisciplinar, traz uma perspectiva teórica que implica na abertura para ouvir e ver os outros falarem sobre si próprios, possibilitando reflexões sobre alteridade, construção de identidades e subjetividades. Seus procedimentos metodológicos favorecem a construção de narrativas como processos de significação sobre si mesmo e sobre o mundo e, nesse âmbito, cria discursos que dialogam com a cultura em processos de troca constante de saberes objetivos e subjetivos em termos de interculturalidade.<sup>1</sup> É dessa forma que as histórias das pessoas comuns no âmbito da produção de conhecimento carregam uma infinita pluralidade de visões e percepções, quase sempre crítica das versões históricas oficiais.<sup>2</sup>

Nessa direção, a história oral e a história da ciência em intersecção trazem saberes e fazeres inter/transdisciplinares para pensar a construção do conhecimento na contemporaneidade, ainda mais se considerarmos a predominância da cultura audiovisual graças à proliferação e popularização das tecnologias de comunicação e informação. Assim, situamos nossa pesquisa em torno do debate sobre as coordenadas teóricas contemporâneas que norteiam a construção de 'modelos' de desenvolvimento de pesquisas em história da ciência, discutindo suas opções epistemológicas e metodológicas, com foco sobre quais documentos são considerados interessantes para a consecução de seus trabalhos.<sup>3</sup>

Nossas reflexões surgiram a partir dos registros orais e audiovisuais de mesas-redondas, workshops e seminários realizados pelo Centro Simão Mathias de Estudos em História da Ciência (CESIMA) e Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), bem como de entrevistas com cientistas em caráter de pós-doutoramento e em outros eventos científicos ou projetos como, por exemplo, na 31ª *Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química*, e ainda o Nova Stella: Ciência em Debate, programa da TV/PUC-SP.

Há alguns anos, junto ao CESIMA, trabalhamos com a construção de uma história oral de cientistas brasileiros, produzindo registros sobre as práticas de história da ciência contemporânea e, com isso, temos buscado compreender o papel dos sujeitos na formação de comunidades científicas e de instituições científicas. Para tanto, produzimos e analisamos registros (narrativas em entrevistas, seminários, palestras, debates, programas de TV...) com cientistas e historiadores da ciência de várias gerações e áreas de conhecimento. Além disso, temos constituído e disponibilizado um acervo documental para realização de pesquisas e criação de produções acadêmicas e de divulgação científica, possibilitando a formação de novos pesquisadores.

<sup>1</sup> Stuart Hall, *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 11ª ed. (Porto Alegre: DP&A Editora, 2006).

<sup>2</sup> José C. S. B. Meihy, org., *(Re) Introduzindo a História Oral no Brasil* (São Paulo: Xamã, 1996).

<sup>3</sup> Andrea P. dos S. O. Kamensky, "Construction of Documents and Memories of the Brazilian Chemical Community: Life Stories and Institutionalization of Science in the 20<sup>th</sup> Century," in *Crossing Oceans: Exchange of Products, Instruments and Procedures in the History of Chemistry and Related Sciences*, ed. Ana M. Alfonso-Goldfarb, et al. Campinas: CLE/UNICAMP, 2015), 229-48

Os processos de trabalho que adotamos na interface entre história oral e história da ciência privilegiam diálogos e colaboração de sujeitos considerando suas memórias, identidades e subjetividades, e os possíveis significados dessas noções na contemporaneidade para a produção do conhecimento. São nesses processos de intervenção e mediação que se dão as construções de fontes orais e audiovisuais e de estudos referentes à experiência de pessoas e de grupos ligados à diversas áreas científicas no século XX e XXI.<sup>4</sup>

### **História oral e história da ciência: práticas de pesquisa e algumas questões teórico-metodológicas**

Em nossas práticas de pesquisa, há uma reflexão interdisciplinar sobre o que significa realizar um trabalho de campo. Aspectos teóricos e metodológicos sobre a realização de pesquisa qualitativa nas ciências humanas vêm à tona e buscamos compreender diferenças e semelhanças entre noções conceituais sobre as metodologias de pesquisa participante, observação participante, pesquisa ação, estudo de caso em diálogo com práticas de criação documental com fontes orais e audiovisuais.

O fato é que as práticas de pesquisa que construímos na interface entre história oral e história da ciência valoriza as expressões de subjetividades de quem pesquisa e de quem colabora com a pesquisa, com foco na mediação de saberes e de linguagens, entre a oralidade, o audiovisual e a escrita.

Buscamos assim a construção de áreas de interface de saberes e possibilidades de inter/transdisciplinaridade para compreender como pesquisadores têm articulado saberes e fazeres inter/transdisciplinares no campo da história da ciência, configurando identidades que renovaram não apenas a historiografia, mas também as reflexões epistemológicas e metodológicas sobre o conhecimento produzido em várias áreas disciplinares nas ciências humanas, naturais e exatas.

Por isso, nos perguntamos: como se daria a construção de áreas de interface do saber? Foi preciso traçar constantemente um panorama histórico e epistemológico sobre como, quando onde nasceram as ciências, como interagem, como transferem métodos entre si. E como, a partir de duas ou mais áreas de conhecimento que parecem não compartilhar nada, eventualmente se forma uma base nova e sólida de conhecimento.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> José C. Ferrigno, "A Identidade do Jovem e a Identidade do Velho: Questões Contemporâneas," in *Velhices: Reflexões Contemporâneas* (São Paulo: SESC/PUC, 2006), 11-23; Luis A. Groppo, *Juventude: Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas* (Rio de Janeiro: DIFEL, 2000); David Le Breton, *Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade* (Campinas: Papirus, 2003); Maria C. Minayo de Souza, "Visão Antropológica do Envelhecimento Humano," in *Velhices: Reflexões Contemporâneas* (São Paulo: SESC/PUC, 2006), 47-59; Anita L. Neri, org., *Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade* (São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo/Edições SESC SP, 2007).

<sup>5</sup> Ana M. Alfonso-Goldfarb et al, org., *Simão Mathias Cem Anos: Química e História da Química no Início do Século XXI* (São Paulo: Ed. SBQ/CESIMA, 2010).

Entendemos, desse modo, que a história da ciência como visão histórica do fazer científico, levando em conta questões filosóficas da produção do conhecimento e vieses historiográficos, sociais e institucionais tem muito o que dialogar e interagir com o campo da história oral, responsável por trazer novas narrativas de sujeitos protagonistas da história da ciência, considerando aspectos subjetivos antes impensáveis na produção do conhecimento.

Algumas questões para a pesquisa ganharam destaque. Quais são os critérios para organização de documentos, acervos e bibliotecas que contenham fontes para as pesquisas em história da ciência? Como isso se reflete nas questões epistemológicas e nos métodos de estudos e pesquisas em história da ciência, sobretudo no que diz respeito aos saberes e fazeres inter/transdisciplinares requeridos nesse campo de estudos? E que identidades da história da ciência é possível construir a partir desses critérios de organização de documentos, acervos e bibliotecas? Quais questões epistemológicas e que métodos acabam por serem privilegiados nesse processo de organização de fontes e de desenvolvimento de pesquisas interdisciplinares?

São muitas as possíveis respostas para tais questões e aqui, particularmente, nos interessa formular algumas considerações sobre tais perguntas quando ocorre de fato a intersecção entre história oral e história da ciência.

Em primeiro lugar, partimos de perspectivas teórico-metodológicas que enfatizam a importância das fontes orais e audiovisuais, posto que estas diretamente se relacionam com aspectos que não estão trabalhados em outros documentos já produzidos ou em publicações diversas. Trata-se, sobretudo, da valorização das subjetividades nos processos de construção da objetividade nas práticas científicas e de igual valorização das novas tecnologias de informação e comunicação nos processos de construção, organização e disponibilização documental.<sup>6</sup>

Em segundo lugar, surge, conseqüentemente, o amplo debate teórico e metodológico sobre as mudanças nas noções de documento; sobre a convergência de linguagens orais, escritas, audiovisuais no âmbito da internet, modificando papéis de leitores, espectadores, internautas, bem como de pesquisadores.

### **Uma história oral que produz novos documentos e outros conhecimentos**

A evolução da história oral como campo de estudos e de pesquisas marca sua gênese em meados do século XX, a partir da preocupação acentuada pelo contexto histórico do pós-guerra de realizar registros de experiências únicas e traumáticas para formar acervos documentais que viessem a ser depositários de memórias complexas e plurais, de sujeitos que viveram fatos e acontecimentos cuja materialidade das lembranças e recordações e sua própria condição frágil de vida estavam em vias de extinção. Ainda assim, a utilização da história oral é considerada,

---

<sup>6</sup> Jacques Derrida, *Mal de Arquivo: Uma Impressão Freudiana* (Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001); Francisco Ortega, *O Corpo Incerto: Corporeidade, Tecnologias Médicas e Cultura Contemporânea* (Rio de Janeiro: Garamond, 2008); Lucia Santaella, *Culturas e Artes do Pós-humano: Da Cultura das Mídias à Cibercultura* (São Paulo: Paulus, 2003.)

de início, adequada principalmente para complementar ou preencher lacunas de outras fontes históricas.<sup>7</sup> No entanto, as práticas de fazer e gravar entrevistas, primeiro em suportes sonoros e posteriormente audiovisuais, trouxe indubitavelmente a ampliação do conceito de documento, para além do documento escrito ou da cultura material (objetos arqueológicos, por exemplo), constatando-se características e especificidades dos mesmos, que emergiram a partir da história oral.

Para muitos estudiosos, há politização do conhecimento construído a partir da história oral, visto que os documentos criados muitas vezes trarão narrativas antes marginalizadas pela historiografia oficial para o centro dos debates sobre grandes temas contemporâneos, tais como as guerras, os direitos humanos, as questões de gênero e étnico-raciais, entre tantos outros assuntos polêmicos. No âmbito da história da ciência, emerge amplamente a consideração das subjetividades presentes nas histórias de vida de cientistas e do papel dos indivíduos nos fazeres científicos e nas instituições científicas, trazendo outros vieses e abordagens para a própria história da ciência a partir de aspectos da história do cotidiano e da história cultural, sem falar das questões de ordem epistemológica sobre a própria natureza subjetiva do conhecimento produzido por sujeitos e comunidades científicas em determinados contextos históricos, quebrando com visões científicistas consagradas e com a manutenção de certos 'heróis' da ciência, como únicos e privilegiados protagonistas de determinados acontecimentos e processos históricos.

Toda essa trajetória nesse campo de estudos traz especialmente o reconhecimento da história oral como processo mediado de construção narrativa. Afirma-se a valorização da experiência subjetiva e amplia-se o debate inter/transdisciplinar sobre os conceitos de memória, identidade e subjetividade em outras áreas de conhecimento.

Por isso, faz-se necessário delimitar uma definição de história oral, entre tantas possibilidades. Assim, conceituamos história oral sobretudo como prática de apreensão de narrativas feita pelo uso de meios eletrônicos e destinada à elaboração de documentos, arquivos e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos.<sup>8</sup>

Trata-se de um processo sistêmico de produção e uso de entrevistas gravadas (em suportes sonoros ou audiovisuais) vertidas do oral para o escrito, realizado de acordo com um conjunto de procedimentos explicitado publicamente.

Os procedimentos da história oral abarcam, portanto, a elaboração de um projeto de pesquisa em que a realização de entrevistas e a criação documental em torno das mesmas são o foco central dos processos de trabalho.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> José C.S.B. Meihy, *Manual de História Oral* (São Paulo: Loyola, 2005).

<sup>8</sup> Meihy, *(Re)Introduzindo*.

<sup>9</sup> José C.S.B. Meihy, & Suzana L.S. Ribeiro, *Guia Prático de História Oral* (São Paulo: Contexto, 2011).

Tais procedimentos envolvem etapas complexas e, por vezes, concomitantes de contato com as pessoas a serem entrevistadas, constituição da relação de colaboração entre entrevistador e entrevistado, gravação de entrevistas (num único encontro ou em vários continuados com o mesmo sujeito colaborador da pesquisa), tratamento da entrevista (transposição do código oral ou audiovisual para o escrito e seus devidos cuidados éticos); devolução do trabalho ao sujeito e/ou à comunidade que colaborou e, por fim, o arquivamento e formas de acesso público dos resultados do trabalho de pesquisa.

### **Possibilidades de história oral na interface com a história da ciência**

As perspectivas teórico-metodológicas da história oral são muito abrangentes e podem trazer muitas nuances para trabalhos tanto de caráter temático quanto biográfico.

A *história oral temática*, por exemplo, é uma abordagem que prioriza a discussão de tópicos objetivos definidos pela pesquisa, posto que, além da circunstância geral biográfica dos entrevistados, existe o trabalho de criação de um roteiro de temas ou questionário para guiar e conduzir o encontro e o registro.

A formulação do questionário pode ser aberta ou fechada. No questionário aberto as perguntas deixam espaços para complementações relacionadas com os temas pesquisados. No questionário fechado as perguntas são previamente delimitadas em torno dos principais temas da pesquisa, levando a entrevista a ser circunscrita aos mesmos.<sup>10</sup>

A *história oral de vida* é uma abordagem que prioriza os aspectos subjetivos, relacionados à trajetória pessoal e à experiência de vida da pessoa entrevistada, acompanhando sua construção narrativa biográfica ao longo dos períodos de sua vida. Assim, interessa para a história oral de vida o levantamento de situações que combinam os fatos e acontecimentos históricos com impressões vivenciadas acerca dos mesmos. São considerados como parte desse universo subjetivo, que nos diz muito sobre a história pessoal e de um grupo, os chamados atos falhos, as possíveis distorções, os silêncios voluntários e involuntários, as eventuais mentiras, bem como a pontuação detalhada de sonhos, fantasias, ucronias, utopias, entre outras possibilidades narrativas.<sup>11</sup>

Na história oral de vida como perspectiva de construção e registro documental, há um conjunto de parâmetros de construção biográfica que caracteriza e baliza a narrativa, ainda mais se considerarmos a vida de cientistas, a saber:

---

<sup>10</sup> Ibid.

<sup>11</sup> Meihy, (Re)Introduzindo.

- a trajetória pessoal e familiar;
- formação escolar e formação acadêmica;
- opção pela área de conhecimento;
- pesquisas e práticas pedagógicas desenvolvidas;
- filiação a grupos de pesquisa;
- procedimentos de pesquisa e influências teóricas e metodológicas;
- avaliação da própria trajetória de vida.

A chamada pergunta de corte é uma questão formulada para todos os participantes de um determinado projeto, que remete ao tema geral da pesquisa e diz respeito à relação entre a comunidade de destino, a colônia e a rede de pessoas entrevistadas. Por vezes, essa pergunta e sua resposta já aparece na própria fala do entrevistado e, quando isso não acontece, pode vir a ser levantada pelos pesquisadores no final das entrevistas. É importante salientar que o silêncio tanto quanto as respostas formuladas para a pergunta de corte podem ser reveladores de muitos pontos interessantes, complexos e problemáticos da construção biográfica e da abordagem do tema central da pesquisa.<sup>12</sup>

Nesses procedimentos de história oral, cabe destacar o que representam os conceitos operacionais de comunidade de destino, colônia e rede. Comunidade de destino é o motivo central que identifica a reunião de pessoas com características determinantemente afins. A colônia traz uma dimensão da coletividade ampla como parte de uma comunidade de destino, capaz de caracterizar redes de entrevistados. A rede, compreendida como subdivisão da colônia, torna-se um segmento específico de um grupo com afinidades definidas segundo a comunidade de destino. No caso de nossas pesquisas de interface entre história oral e história da ciência, a comunidade de destino é de cientistas, a colônia de cientistas da área química e as redes de entrevistados podem ser construídas a partir do vínculo de entrevistados com uma instituição, um tema ou professores e pesquisadores reconhecidos pela comunidade científica, como foi o caso de Simão Mathias ou de Giuseppe Cilento, ao tratarmos da história da química no Brasil.

### **Características de projetos em história oral**

Podemos afirmar que uma das principais características do desenvolvimento de projetos em história oral é o foco no trabalho de mediação feito pelos pesquisadores junto aos colaboradores da pesquisa, que atravessa toda a construção da relação sujeito-sujeito, com ênfase nas dimensões da subjetividade implicadas na construção documental por meio do registro de entrevistas.

Esse processo de trabalho não é possível sem colaboração, desde o momento de aceite em participar da rede de entrevistados até a passagem da linguagem oral/audiovisual para a linguagem escrita, envolvendo práticas de transcrição,

---

<sup>12</sup> Meihy, & Ribeiro, *Guia Prático*.

textualização e transcrição das narrativas, chegando à devolução dos depoimentos com as práticas de conferência, autorização, arquivamento e divulgação dos documentos construídos a partir das fontes orais/audiovisuais.

Dessa forma, tanto pesquisadores quanto colaboradores da pesquisa estão profundamente envolvidos e comprometidos com o desenvolvimento do projeto, qualificando a comunidade de destino, a colônia e a rede de entrevistados, estabelecida a partir de um 'ponto zero'. O ponto zero é alguém que detém amplo conhecimento da comunidade e se sente à vontade para indicar outras pessoas a serem entrevistadas, iniciando uma ou mais redes de pessoas entrevistadas. Ao pautar a pesquisa pelo critério de seguimento das redes dadas pelos próprios colaboradores, é possível detectar argumentos coletivos e experiências compartilhadas que são extremamente significativas para compreender os temas da pesquisa e as próprias construções biográficas que emergem nesse processo de trabalho.

Além das definições teórico-metodológicas prévias de um projeto de interface entre história oral e história da ciência, são muitos os passos metodológicos para a consecução de um trabalho de campo que podem interagir e aprimorar o desenrolar da própria pesquisa a partir do andamento do trabalho de campo. Nesse sentido, é fundamental que o projeto esteja aberto a se transformar com as práticas de pesquisa, algumas das quais detalhamos mais adiante.

A pré-entrevista, por exemplo, nos ajuda a perceber nosso próprio nível de conhecimento sobre a temática e as pessoas escolhidas para serem entrevistadas e colaborar com a pesquisa. Esse trabalho envolve o estabelecimento de contatos, preferencialmente, diretos, bem como a definição de locais e horários para encontros, que podem ou não ser gravados, conforme a disponibilidade e a autorização dos colaboradores. De qualquer forma, cabe ressaltar que qualquer encontro com pessoas a serem entrevistadas envolve a preparação do material de gravação, incluindo seus dispositivos tecnológicos, com a definição de uma equipe de apoio, em caso de um registro audiovisual, para garantir a qualidade técnica dos registros documentais. E mesmo que o colaborador não tenha intenção de gravar uma entrevista num encontro prévio, é muito comum que este venha a mudar de ideia e, portanto, imprescindível que o pesquisador esteja preparado tecnicamente para realizar um registro documental com qualidade técnica, ainda que este não tenha sido previsto inicialmente. Em nossas pesquisas, nos deparamos mais de uma vez com essa situação e nos dispusemos a realizar registros documentais apenas sonoros ou audiovisuais, conforme o desejo da pessoa entrevistada e até mesmo devido às circunstâncias do local de gravação de depoimentos, em ambientes públicos ou privados, fechados ou abertos.

Outra ferramenta indispensável ao longo do andamento do projeto é o caderno de campo, que pode ser escrito ou gravado, no qual fazemos nossas anotações sobre tudo o que realizamos para o pleno desenvolvimento do projeto, incluindo aí nossas observações pessoais, questionamentos, dilemas, contradições e ambiguidades, que são constituintes de um trabalho de pesquisa qualitativo e que considera as subjetividades das pessoas que constroem juntas uma documentação

complexa, buscando objetivar por meio dessas práticas de oralidade alguns temas e trajetórias que escapam em perspectivas teórico-metodológicas mais tradicionais.

A ocasião da entrevista, por sua vez, abrange diversas circunstâncias e apresenta situações que requerem tomadas de decisão que afetam a qualidade técnica e temática, assim como a quantidade e o tempo dos registros documentais que serão criados.

Dessa forma, é preciso considerar, previamente, que as entrevistas podem ser únicas (realizadas numa única gravação com uma pessoa entrevistada) ou múltiplas (mais de uma sessão de entrevista com a mesma pessoa, em dias diferentes), em lugares diferentes e inusitados, e até mesmo coletivas, com mais de uma pessoa sendo entrevistada, ao invés de um único sujeito colaborador. E, como já foi dito anteriormente, por mais que se preveja a realização ou não de uma entrevista, é recomendável que o pesquisador esteja apto e aberto em seu trabalho de campo, a ponto de gravar uma entrevista não planejada ou ainda de realizar múltiplas entrevistas com um mesmo colaborador, quando se imaginava que apenas seriam feitas entrevistas únicas. Isso significa que cada colaborador constrói sua narrativa de acordo com aspectos subjetivos e diferentes, que precisam ser respeitados numa dinâmica de trabalho de campo flexível, capaz de perceber a relevância de favorecer a expressão peculiar requerida para a elaboração de narrativas pessoais.<sup>13</sup>

Por mais que os encontros para realização de entrevistas em história oral envolvam cordialidade, profissionalismo e parâmetros de eficiência metodológica, trata-se da construção de uma relação intersubjetiva e empática entre pessoas com um objetivo em comum. Não é raro em projetos de história oral que pessoas decidam não colaborar porque não concordam com o tema da pesquisa ou porque não 'simpatizaram' com o pesquisador. O fato é que qualquer uma dessas situações é rica em possibilidades de análise e não pode de forma alguma ficar de fora do caderno de campo, trazendo elementos riquíssimos para tratar do próprio percurso da pesquisa e dos papéis exercidos pelos pesquisadores e colaboradores. Além disso, não são poucas as vezes que, apesar de todo o cuidado na preparação da entrevista, no esmero em sua execução, na efetivação de uma colaboração única entre pesquisador e entrevistado, o registro documental fica a desejar, muito aquém das expectativas, comprometido pela péssima qualidade técnica de equipamentos ou do mau manuseio dos mesmos, ou ainda, da subestimação desses fatores tecnológicos para a criação documental. Em suma, todas essas etapas de trabalho influenciam os registros documentais criados e que passarão por outras formas de mediação de linguagens entre a oralidade e a escrita. As interfaces entre história oral e história da ciência valorizam, nesse caso, o processo de construção de um conhecimento, seus percalços e suas múltiplas possibilidades e impossibilidades de criação discursiva intersubjetiva, muito além das abordagens que se pretendem mais 'objetivas' e 'científicas', renovando mesmo e trazendo outras noções de objetividade que não

---

<sup>13</sup> Anthony Giddens, *Modernidade e Identidade* (Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2002).

excluem subjetividades e de ciência, impossíveis de serem apartadas dos dilemas e falhos fazeres humanos.

### **As entrevistas entre a oralidade, a cultura visual e audiovisual e a linguagem escrita**

Nos projetos de história oral, costuma-se definir, desde o início, a criação dos registros documentais entre suportes sonoros e audiovisuais, com possibilidade de acesso às entrevistas por meio de fontes orais e/ou audiovisuais e, sobretudo, pela linguagem escrita, recorrente nos trabalhos de circulação acadêmica. Isso significa que uma entrevista poderá, se autorizada, ser consultada em sua gravação original, com ou sem cortes ou edições, ou ainda num texto escrito, como preferencialmente costuma ser nos casos dos tipo de pesquisa que realizamos em história da ciência.

Esse momento da pesquisa, de mediação entre as linguagens oral/audiovisual e escrita é composto, grosso modo, por algumas etapas frente as entrevistas gravadas: ouvir/ver; transcrever; textualizar; transcriar e conferir/autorizar as narrativas construídas junto aos colaboradores.<sup>14</sup>

O foco é o trabalho intenso em torno da mudança de códigos, pois o pesquisador ao realizar a passagem do código oral ou audiovisual (gravado em mídias analógicas ou digitais) para o código escrito precisa ter ampla consciência das transformações que ocorrem no estabelecimento do discurso narrativo. Trata-se, para alguns pesquisadores, de uma mediação que envolve não apenas uma transcrição literal de palavras, que prejudicaria o sentido do que foi dito, mas sim uma sofisticada tradução ou transcrição narrativa. Para tal percepção do trabalho documental, são mais uma vez requeridos saberes inter/transdisciplinares pelos quais o pesquisador torna-se capaz de realizar essa mediação, de traduzir sentidos narrativos, de conceber as entrevistas como formas de expressão intersubjetivas, valendo-se de estratégias linguísticas e narrativas. Alguns aspectos são importantíssimos e precisam ser considerados, tais como:

- a utilização de sinais gráficos como recursos expressivos - [ , . : ; ? ! ... “ / ) - que estão ausentes na oralidade e na audiovisualidade;
- o tratamento narrativo em linguagem escrita de elementos não verbais e extra-texto, tais como gestos, referências de tamanho e espaço, entre outros;
- a percepção, a mediação e a tradução de emoções e silêncios compartilhados no contexto de realização das entrevistas;
- a apreensão de elementos de visualidade e sonoridade/musicalidade em cada entrevista;
- a percepção e possível tradução de sotaques, cacoetes, entonações e outras variantes da fala.

---

<sup>14</sup> Meihy, & Ribeiro, *Guia Prático*.

Nesse sentido, todo o processo de mediação da linguagem oral/audiovisual para a linguagem escrita, seja como mera transcrição ou sofisticada textualização e transcrição, são tão colaborativos e subjetivos como todo o processo de preparação e execução das entrevistas, tornando-se práticas de diálogos que fazem questão de deixar evidenciados os processos de trabalho para que o público que venha a conhecer esses conjuntos documentais possa conhecer de que forma, com que intenções e sob quais circunstâncias foram produzidos tais conhecimentos. Mesmo que muito ainda seja indizível, seja por questões éticas ou por escolhas interpretativas feitas pelos pesquisadores e colaboradores no desenvolvimento do trabalho de campo e nas estratégias definidas para disponibilização pública.<sup>15</sup>

Cabe destacar o que delimitamos por transcrição e textualização em história oral. A transcrição, acompanhada de uma primeira textualização, é uma etapa inicial de organização do texto, na qual, depois de se ouvir/ver repetidamente a entrevista, são retiradas repetições, construídas frases que eventualmente ficaram sem sentido aparente, com reagrupamento de trechos da entrevista, retirada ou incorporação de perguntas, entre outros processos de elaboração textual. Sobretudo, a textualização caracteriza-se por um processo delicado, em que se pode proceder à seleção de palavras-chave e de um tom vital da entrevista, emergindo assim amplas possibilidades interpretativas que podem ser compartilhadas com o público leitor. Para alguns pesquisadores, ainda se torna necessária a fase de transcrição da entrevista, que assume uma intervenção mais subjetiva no texto, na qual busca-se finalizar o trabalho de mediação da linguagem oral/audiovisual para a escrita, assumindo estratégias de edição, seja completando referências que faltaram e/ou apontando, por exemplo, momentos de emoção e silêncios significativos. Tais práticas de transcrição são alicerçadas em debates sobre noções conceituais sofisticadas e provocativas, tais como o teatro de linguagem, de Roland Barthes, mas especialmente, a transcrição, de Augusto e Haroldo de Campos, ao tratarem das práticas de tradução de textos e narrativas, literárias e poéticas, de diferentes línguas e períodos históricos.<sup>16</sup>

Nesse sentido, assume-se que transformar qualquer registro oral ou audiovisual de uma entrevista em algo editado, ou seja, mediado para um público mais amplo, implica em um comportamento expressivo ou uma performance de transcriar. Transcriar, ainda inspirando-se nos dizeres e na obra do poeta, escritor e professor de literatura Haroldo de Campos, é criar a partir do que se quer traduzir. No caso da história oral é, ao tentar traduzir o que uma outra pessoa escreveu ou narrou, reinventar sentidos, tentando interpretar o que foi dito e registrado no encontro, nas entrevistas. Isto porque se parte do pressuposto evidente de que as linguagens oral, musical, visual e audiovisual são diferentes da escrita. Vivemos numa época de hibridismos dessas linguagens e quando uma pessoa narra, ela mobiliza referentes de múltiplas linguagens. Como expressar isso num texto escrito? E num vídeo? E numa peça de teatro? É aí que entra a noção de transcrição, que assume o ato performático do pesquisador que se apropria do registro do que foi

---

<sup>15</sup> Michel Foucault, *A Arqueologia do Saber*, 7ª ed. (Lisboa: Forense Universitária, 2008); Michael Pollak, "Memória, Esquecimento, silêncio," *Estudos Históricos* 2, nº 3 (1989): 3-15; Derrida, *Mal de Arquivo*.

<sup>16</sup> Meihy, *(Re)Introduzindo*.

narrado e o edita, criando novos sentidos que dialogam com os sentidos experienciados e registrados.<sup>17</sup>

Será na fase de verificação, junto ao colaborador do texto finalizado e consequente obtenção de autorização gravada ou mediante carta de cessão, que esses processos subjetivos e objetivos de estabelecimento de uma narrativa de construção compartilhada ganhará sua legitimidade.

Em seguida, procede-se às práticas de arquivamento, de realização de cópia de segurança e formas de disponibilização pública e publicação impressa e/ou digital do conjunto documento criado.

Todas essas etapas finais de trabalho aqui resumidas, para além dos desdobramentos técnicos, trazem profundas reflexões sobre os próprios sentidos atribuídos ao registro oral e audiovisual no contexto de uma história e cultura audiovisuais contemporâneas, buscando problematizar esse tipo de representação nos estudos e na divulgação de projetos de interface entre a história oral e a história da ciência.

Portanto, nesse contexto, também emergem debates, estudos e reflexões mais complexas sobre temáticas ligadas à produção do conhecimento, científico ou não, em diálogos com a cultura oral, a cultura visual e audiovisual e com a cultura biográfica, entrelaçadas em processos de interculturalidade e hibridização de linguagens. Pesquisadores de diversas áreas de saber passam a ter noção da multiplicidade de práticas e abordagens com a dimensão da oralidade, da visualidade, e da convergência delas em novas formas de registro documental com suas diversas fontes e linguagens e seus impactos no conhecimentos produzidos e em circulação na contemporaneidade.

Sobretudo, na interface entre história oral e história da ciência, estão novos debates sobre como os sentidos e interpretações dos mesmos não estão apenas investidos nos objetos documentais, mas sim nas relações humanas em cada época e lugar. As culturas visual/audiovisual/oral/biográfica são produções sociais e tanto o olhar, a escuta da oralidade ou a observação do universo audiovisual ou biográfico de períodos históricos são construções culturais. Assim, desloca-se o interesse da pesquisa também para a compreensão dos processos e práticas cotidianas de olhar, escutar, expor, narrar, mediar, significar para além do estudo de conteúdos dos documentos como evidentes ou portadores de um significado único, reforçando as mudanças de significação nos processos de produção, circulação e apropriação desses documentos históricos. Assim, observamos que as experiências visuais, audiovisuais, orais não se realizam de modo isolado, e essas representações são partes de um conjunto entrelaçado de práticas e discursos que envolvem vários sentidos da percepção que atingem as próprias possibilidades interpretativas das temáticas da história da ciência quando esta se coloca em interface com a história oral para a produção de novos documentos e de conhecimento na atualidade.

---

<sup>17</sup> Derrida, *Mal de Arquivo*; Hall, *Identidade Cultural*; Clifford Geertz, *A Interpretação das Culturas* (Rio de Janeiro: LTC, 1989).